

relação ao conhecimento ali veiculado. A identidade dos primeiros era marcada pelo mundo do trabalho; a identidade dos segundos definia-se em campos fora do trabalho, como na vivência dos grupos de amigos de rua, no lazer, no consumo e até mesmo na transgressão.

Esses alunos do segundo grupo, que se auto-afirmavam como a "turma do mal", reagiam à escola antagonicamente, suportando-a apenas na medida em que a viam como um espaço de socialização e de experiência de uma vida juvenil paralela à vida escolar propriamente dita.

Os dois grupos demonstravam conferir uma grande importância ao papel do professor. Para os jovens migrantes, o professor valorizado era aquele que sabia explicar bem as matérias, demonstrando paciência e consideração pelos alunos. Para os demais, o professor era visto como o principal responsável pela qualidade do relacionamento estabelecido com eles: se o professor "provocava", eles "reagiam"; se o professor demonstrava amizade, eles se consideravam "conquistados".

Apesar de ter trabalhado com um pequeno número de alunos, o estudo traz à luz aspectos significativos da vida escolar de jovens de origens sociais diversas, colocando questões instigantes para futuras pesquisas sobre o tema.

*Maria Malta Campos*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Fundação Carlos Chagas

VIEIRA, Márcia Núbia Fonseca.  
*Herdeiros de Sísifo*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica. Dissertação (Mestrado em Educação), 1997.

A autora revisita o debate a respeito das relações entre trabalho e educação, enfocando-o a partir da situação do aluno-trabalhador. Impõe-se uma tarefa árdua, na medida em que o tema, além de ter sido bastante explorado, tem suscitado uma série de generalizações que, continuamente reafirmadas se transformaram não só em "verdades" mas, também, em senso-comum.

Uma dessas "verdades" afiança que o bom desempenho escolar é incompatível com o exercício simultâneo do trabalho. Esta tese tem contribuído para respaldar concepções e práticas sociais relativas às crianças, adolescentes e jovens que, por força de contingências históricas e pessoais, têm sido obrigados a fazer exatamente aquilo que a "verdade" considera negativo, ou seja, trabalhar e estudar, simultaneamente.

Tomando por mote essas concepções e práticas, a autora conduziu um estudo com base em entrevistas realizadas com um pequeno número de adolescentes do sexo masculino que trabalhavam, à época da pesquisa, como empacotadores em um supermercado da cidade de São Paulo. Tais adolescentes registravam passagens pela escola em períodos anteriores mas, naquele momento, encontravam-se fora dela. Suas mães também foram entrevistadas, tendo em vista a coleta das expectativas e reações às experiências escolares e de trabalho dos filhos. O objetivo da investigação foi o de analisar, através das

representações de seus entrevistados, o processo de inclusão-exclusão na escola e no trabalho.

A análise das entrevistas mostra que tanto os adolescentes quanto suas mães valorizam igualmente a escola e o trabalho. Indica que este desempenha um papel importante na constituição da identidade desses jovens, como tais e como trabalhadores. E o aspecto mais interessante é o de que os depoimentos permitem à autora concluir, pelo menos em relação ao grupo estudado, que a exclusão da escola não resultou da inclusão no trabalho. Para ela, tal exclusão se deve a uma multiplicidade de fatores. Entre estes salienta a própria escola que, em sua forma de atuar junto aos alunos originários das famílias pauperizadas, promove, entre eles, o descrédito quanto às suas capacidades de produzir intelectualmente, fortalecendo, desse modo, sua ligação com o trabalho pouco qualificado. Um trabalho no qual, apesar das condições adversas e da exploração, os jovens entrevistados encontraram "possibilidades de auto-afirmação e de satisfação de algumas de suas necessidades".

As conclusões da autora, quer a respeito do trabalho quer relativas à escola, devem ser olhadas com cautela na medida em que a pesquisa não implicou o acompanhamento detalhado das atividades do trabalho e, menos ainda, do dia-a-dia das escolas frequentadas pelos entrevistados.

Apesar dessa ressalva, o texto evidencia que a situação do aluno-trabalhador configura realidades bem mais complexas do que querem fazer crer as generalizações simplistas. Aponta, em razão disso, para a necessidade de novas pesquisas que ajudem a desvendá-las.

*Celso Ferretti*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Fundação Carlos Chagas